

DOMINGO III DA QUARESMA

CIC 210, 2575-2577: Deus chama Moisés, ouve as orações do povo

210 Depois do pecado de Israel, que se afastou de Deus para adorar o bezerro de ouro¹, Deus atende a intercessão de Moisés e aceita caminhar no meio dum povo infiel, manifestando deste modo o seu amor². A Moisés, que Lhe pede a graça de ver a sua glória, Deus responde: «Farei passar diante de ti toda a minha bondade (beleza) e proclamarei diante de ti o nome de YHWH» (*Ex* 33, 18-19). E o Senhor passa diante de Moisés e proclama: «O Senhor, o Senhor [YHWH, YHWH] é um Deus clemente e compassivo, sem pressa para se indignar e cheio de misericórdia e fidelidade» (*Ex* 34, 5-6). Moisés confessa, então, que o Senhor é um Deus de perdão³.

2575 Também aqui, a iniciativa é de Deus. Ele chama Moisés do meio da sarça ardente⁴. Este acontecimento ficará como uma das figuras primordiais da oração na tradição espiritual judaica e cristã. Com efeito, se «o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob» chama o seu servo Moisés, é porque Ele é o Deus vivo, que quer a vida dos homens. Revela-Se para os salvar, mas não sozinho nem apesar deles: chama Moisés para o enviar, para o associar à sua compaixão, à sua obra de salvação. Há como que uma imploração divina nesta missão e Moisés, após um longo debate, conformará a sua vontade com a de Deus salvador. Mas neste diálogo em que Deus Se confia, Moisés também aprende a orar: esquiva-se, objecta e, sobretudo, interroga. E é em resposta à sua pergunta que o Senhor lhe confia o seu Nome inefável, o qual se revelará nas suas magníficas proezas.

2576 «O Senhor falava com Moisés frente a frente, como um homem fala com o seu amigo» (*Ex* 33, 11). A oração de Moisés é o tipo da contemplação, graças à qual o servo de Deus se mantém fiel à sua missão. Moisés «conversa» muitas vezes e demoradamente com o Senhor, subindo à montanha para O ouvir e O implorar, descendo depois até junto do povo para Lhe repetir as palavras do seu Deus e o guiar. «Eu estabeleci-o sobre toda a minha casa! Falo com ele frente a frente, à vista e não por enigmas» (*Nm* 12, 7-8), porque «Moisés era um homem deveras humilde, mais que todos os homens que há sobre a face da terra (*Nm* 12, 3).

2577 Nesta intimidade com o Deus fiel, lento em irar-Se e cheio de amor⁵, Moisés hauriu a força e a tenacidade da sua intercessão. Ele não ora por si, mas pelo povo que Deus adquiriu para Si. Já durante o combate com os amalecitas⁶ ou

¹ Cf. *Ex* 32.

² Cf. *Ex* 33, 12-17.

³ Cf. *Ex* 34, 9.

⁴ Cf. *Ex* 3, 1-10.

⁵ Cf. *Ex* 34, 6.

⁶ Cf. *Ex* 17, 8-13.

para obter a cura de Miriam⁷, Moisés foi intercessor. Mas foi sobretudo após a apostasia do povo que ele «se mantém na brecha» diante de Deus (Sl 106, 23), para salvar o mesmo povo⁸. Os argumentos da sua oração (a intercessão também é um combate misterioso) irão inspirar a audácia dos grandes orantes, tanto do povo judaico como da Igreja: Deus é amor e, portanto, é justo e fiel; Ele não pode contradizer-Se; há-de, por conseguinte, lembrar-Se das suas acções maravilhosas; está em jogo a sua glória; Ele não pode abandonar o povo que tem o seu nome.

CIC 1963-1964: o cumprimento da Lei prepara para a conversão

1963 Segundo a tradição cristã, a Lei santa⁹, espiritual¹⁰ e boa¹¹, é ainda imperfeita. Como um pedagogo¹², ela mostra o que se deve fazer; mas, por si, não dá a força, a graça do Espírito para ser cumprida. Por causa do pecado, que ela não pode anular, não deixa de ser uma lei de escravidão. Segundo São Paulo, ela tem por função principalmente denunciar e *manifestar o pecado* que constitui uma «lei de concupiscência»¹³ no coração do homem. No entanto, a Lei permanece como a primeira etapa no caminho do Reino. Prepara e dispõe o povo eleito e cada cristão para a conversão e para a fé em Deus salvador. Proporciona um ensinamento que subsiste para sempre, como Palavra de Deus.

1964 A Lei antiga é uma *preparação para o Evangelho*. «A Lei é profecia e pedagogia das realidades futuras»¹⁴. Ela profetiza e preanuncia a obra de libertação do pecado, que será realizada por Cristo; e fornece ao Novo Testamento imagens, «tipos» e símbolos para exprimir a vida segundo o Espírito. Finalmente, a Lei completa-se pelo ensinamento dos Livros Sapienciais e dos Profetas, que a orientam para a Nova Aliança e para o Reino dos céus.

«Houve [...] na vigência da Antiga Aliança, pessoas que possuíam a caridade e a graça do Espírito Santo, e aspiravam acima de tudo às promessas espirituais e eternas. Sob este aspecto, já pertenciam à nova Lei. E, vice-versa, existem na Nova Aliança homens carnais, ainda distantes da perfeição da nova Lei. Para os incitar à prática da virtude, tem sido necessário, mesmo na Nova Aliança, o temor do castigo e certas promessas temporais. Em todo o caso, a Lei antiga, embora prescrevesse a caridade, não dava o Espírito Santo, pelo qual “a caridade se difunde nos nossos corações” (Rm 5, 5)»¹⁵.

CIC 2851: o mal e as suas obras são obstáculo ao caminho da salvação

2851 Nesta petição, o Mal não é uma abstracção, mas designa uma pessoa, Satanás, o Maligno, o anjo que se opõe a Deus. O «Diabo» («*dia-bolos*») é aquele que «se atravessa» no desígnio de Deus e na sua «obra de salvação» realizada em Cristo.

⁷ Cf. Nm 12, 13-14.

⁸ Cf. Ex 32, 1 – 34, 9.

⁹ Cf. Rm 7, 12.

¹⁰ Cf. Rm 7, 14.

¹¹ Cf. Rm 7, 16.

¹² Cf. Gl 3, 24.

¹³ Cf. Rm 7.

¹⁴ SANTO IRENEU DE LIÃO, *Adversus haereses*, 4, 15, 1: SC 100, 548 (PG 7, 1012).

¹⁵ SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, 1-2, q. 107, a. 1, ad 2: Ed. Leon 7, 279.

CIC 128-130, 1094: a leitura tipológica do Antigo Testamento revela o Novo Testamento

- 128** A Igreja, já nos tempos apostólicos¹⁶, mas depois constantemente na sua Tradição, pôs em evidência a unidade do plano divino nos dois Testamentos, graças à *tipologia*. Esta descobre nas obras de Deus, na Antiga Aliança, prefigurações do que o mesmo Deus realizou na plenitude dos tempos, na pessoa do seu Filho encarnado.
- 129** Os cristãos lêem, pois, o Antigo Testamento à luz de Cristo morto e ressuscitado. Esta leitura tipológica manifesta o conteúdo inesgotável do Antigo Testamento. Mas não deve fazer-nos esquecer de que ele mantém o seu valor próprio de Revelação, reafirmado pelo próprio Jesus, nosso Senhor¹⁷. Aliás, também o Novo Testamento requer ser lido à luz do Antigo. A catequese cristã primitiva recorreu constantemente a este método¹⁸. Segundo um velho adágio, o Novo Testamento está oculto no Antigo, enquanto o Antigo é desvendado no Novo: «Novum in Vetere latet et in Novo Vetus patet» – «O Novo está oculto no Antigo, e o Antigo está patente no Novo»¹⁹.
- 130** A tipologia significa o dinamismo em ordem ao cumprimento do plano divino, quando «Deus for tudo em todos» (*1 Cor 15, 28*). Assim, a vocação dos patriarcas e o êxodo do Egipto, por exemplo, não perdem o seu valor próprio no plano de Deus pelo facto de, ao mesmo tempo, serem etapas intermédias desse mesmo plano.
- 1094** É com base nesta harmonia dos dois Testamentos²⁰ que se articula a catequese pascal do Senhor²¹ e, depois, a dos Apóstolos e dos Padres da Igreja. Esta catequese desvenda o que estava oculto sob a letra do Antigo Testamento: o mistério de Cristo. É chamada «tipológica», porque revela a novidade de Cristo a partir das «figuras» (*tipos*) que a anunciavam nos factos, palavras e símbolos da primeira Aliança. Por esta releitura no Espírito de verdade a partir de Cristo, as figuras são desvendadas²². Assim, o dilúvio e a arca de Noé prefiguravam a salvação pelo Baptismo²³, tal como a nuvem, a travessia do Mar Vermelho e a água do rochedo eram figura dos dons espirituais de Cristo²⁴; e o maná do deserto prefigurava a Eucaristia, «o verdadeiro Pão do céu» (*Jo 6, 48*).

CIC 736, 1108-1109, 1129, 1521, 1724, 1852, 2074, 2345, 2516, 2731: dar fruto

- 736** É graças a esta força do Espírito que os filhos de Deus podem dar fruto. Aquele que nos enxertou na verdadeira Vide far-nos-á dar «os frutos do Espírito:

¹⁶ Cf. *1 Cor 10, 6*; *Heb 10, 1*; *1 Pe 3, 21*.

¹⁷ Cf. *Mc 12, 29-31*.

¹⁸ Cf. *1 Cor 5, 6-8*; *10, 1-11*.

¹⁹ SANTO AGOSTINHO, *Quaestiones in Heptateucum 2, 73*: CCL 33, 106 (PL 34, 623); cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 16: AAS 58 (1966) 825.

²⁰ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 14-16: AAS 58 (1966) 824-625.

²¹ Cf. *Lc 24, 13-49*.

²² Cf. *2 Cor 3, 14-16*.

²³ Cf. *1 Pe 3, 21*.

²⁴ Cf. *1 Cor 10, 1-6*.

caridade, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, auto-domínio» (Gl 5, 22-23). «O Espírito é a nossa vida»: quanto mais renunciarmos a nós próprios²⁵, mais «caminharemos segundo o Espírito»²⁶:

«Pela comunhão com Ele, o Espírito Santo torna-nos espirituais, recoloca-nos no paraíso, reconduz-nos ao Reino dos céus e à adopção filial, dá-nos a confiança de chamar Pai a Deus e de participar na graça de Cristo, de ser chamados filhos da luz e de tomar parte na glória eterna»²⁷.

1108 A finalidade da missão do Espírito Santo em toda a acção litúrgica é pôr-nos em comunhão com Cristo, para formarmos o seu corpo. O Espírito Santo é como que a seiva da Videira do Pai, que dá fruto nos sarmentos²⁸. Na liturgia, realiza-se a mais íntima cooperação do Espírito Santo com a Igreja. Ele, Espírito de comunhão, permanece indefectivelmente na Igreja, e é por isso que a Igreja é o grande sacramento da comunhão divina que reúne os filhos de Deus dispersos. O fruto do Espírito na liturgia é, inseparavelmente, comunhão com a Santíssima Trindade e comunhão fraterna²⁹.

1109 A epiclese é também oração pelo pleno efeito da comunhão da assembleia no mistério de Cristo. «A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo» (2 Cor 13, 13) devem estar sempre connosco e dar frutos, para além da celebração eucarística. Por isso, a Igreja pede ao Pai que envie o Espírito Santo, para que faça da vida dos fiéis uma oferenda viva para Deus pela transformação espiritual à imagem de Cristo, pela preocupação com a unidade da Igreja e pela participação na sua missão, mediante o testemunho e o serviço da caridade.

1129 A Igreja afirma que, para os crentes, os sacramentos da Nova Aliança são *necessários para a salvação*³⁰. A «graça sacramental» é a graça do Espírito Santo dada por Cristo e própria de cada sacramento. O Espírito cura e transforma aqueles que O recebem, conformando-os com o Filho de Deus. O fruto da vida sacramental é que o Espírito de adopção deifique³¹ os fiéis, unindo-os vitalmente ao Filho único, o Salvador.

1521 *A união à paixão de Cristo*. Pela graça deste sacramento, o enfermo recebe a força e o dom de se unir mais intimamente à paixão de Cristo: ele é, de certo modo, *consagrado* para produzir frutos pela configuração com a paixão redentora do Salvador. O sofrimento, sequela do pecado original, recebe um sentido novo: transforma-se em participação na obra salvífica de Jesus.

1724 O decálogo, o sermão da montanha e a catequese apostólica descrevem-nos os caminhos que conduzem ao Reino dos céus. Por eles avançamos, passo a passo, pelos actos de cada dia, amparados pela graça do Espírito Santo. Fecundados

²⁵ Cf. Mt 16, 24-26.

²⁶ Cf. Gl 5, 25.

²⁷ SÃO BASÍLIO MAGNO, *Liber de Spiritu Sancto* 15, 36: SC 17bis, 370 (PG 32, 132).

²⁸ Cf. Jo 15, 1-17; Gl 5, 22.

²⁹ Cf. 1 Jo 1, 3-7.

³⁰ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, *Canones de sacramentis in genere*, can 4: DS 1604.

³¹ Cf. 2 Pe 1, 4.

pela Palavra de Cristo, pouco a pouco damos frutos na Igreja para a glória de Deus³².

1852 É grande a variedade dos pecados. A Sagrada Escritura fornece-nos várias listas. A Epístola aos Gálatas opõe as obras da carne aos frutos do Espírito: «As obras da natureza decaída (“carne”) são claras: imoralidade, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, inimizades, discórdias, ciúmes, fúrias, rivalidades, dissensões, facciosismos, invejas, excessos de bebida e de comida e coisas semelhantes a estas. Sobre elas vos previno, como já vos tinha prevenido: os que praticam acções como estas, não herdarão o Reino de Deus» (Gl 5, 19-21)³³.

2074 Jesus diz: «Eu sou a cepa, vós as varas. Quando alguém permanece em Mim, e Eu nele, esse é que dá muito fruto, porque, sem Mim, nada podeis fazer» (Jo 15, 5). O fruto, a que se faz referência nesta palavra, é a santidade dum vida fecundada pela união com Cristo. Quando cremos em Jesus Cristo, comungamos nos seus mistérios e guardamos os seus mandamentos, o Salvador vem em pessoa amar em nós o seu Pai e os seus irmãos, o nosso Pai e os nossos irmãos. A sua pessoa torna-se, graças ao Espírito, a regra viva e interior do nosso agir. «É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei» (Jo 15, 12).

2345 A castidade é uma virtude moral. Mas é também um dom de Deus, uma *graça*, um fruto do trabalho espiritual³⁴. O Espírito Santo concede a graça de imitar a pureza de Cristo³⁵ àquele que regenerou pela água do Baptismo.

2516 No homem, porque é um ser *integrado de espírito e corpo*, já existe uma certa tensão. Trava-se nele uma certa luta de tendências entre o «espírito» e a «carne». Mas esta luta, de facto, faz parte da herança do pecado, é uma consequência dele e, ao mesmo tempo, uma sua confirmação. Faz parte da experiência quotidiana do combate espiritual:

«Para o Apóstolo, não se trata de desprezar e condenar o corpo que, com a alma espiritual, constitui a natureza do homem e a sua personalidade de sujeito; pelo contrário, ele fala das obras, ou antes, das disposições estáveis, virtudes e vícios, moralmente *boas ou más*, que são o fruto da *submissão* (no primeiro caso) ou, pelo contrário, da resistência (no segundo caso) à *acção salvadora do Espírito Santo*. É por isso que o Apóstolo escreve: “Se vivemos pelo Espírito, caminhemos também segundo o espírito” (Gl 5, 25)³⁶.

2731 Outra dificuldade, especialmente para os que querem rezar com sinceridade, é a *aridez*. Faz parte da oração em que o coração está seco, sem gosto pelos pensamentos, lembranças e sentimentos, mesmo espirituais. É o momento da fé pura, que aguenta fielmente ao lado de Jesus na agonia e no sepulcro. «Se o grão de trigo morrer, dará muito fruto» (Jo 12, 24). Se a aridez for devida à

³² Cf. parábola do sementeiro: Mt 13, 3-23.

³³ Cf. Rm 1, 28-32; 1 Cor 6, 9-10; Ef 5, 3-5; Cl 3, 5-9; 1 Tm 1, 9-10; 2 Tm 3, 2-5.

³⁴ Cf. Gl 5, 22-23.

³⁵ Cf. 1 Jo 3, 3.

³⁶ JOÃO PAULO II, Enc. *Dominum et vivificantem*, 55: AAS 78 (1986) 877-878.

falta de raiz, por a Palavra ter caído em terreno pedregoso, o combate entra no campo da conversão³⁷.

³⁷ Cf. *Lc* 8, 6.13.